

# O “Parentesco” entre conventos: a escola franciscana de Germain Bazin

*The “kinship” between convents: the franciscan school of Germain Bazin*

Ana Maria Moraes Guzzo<sup>1</sup>, Jose Claudio Travassos Bastos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, anammguzzo@gmail.com

<sup>2</sup>Prefeitura do Rio de Janeiro, Brasil, jctb.arq@gmail.com

usjt  
arq.urb

número 36 | Jan–Abr de 2023

Recebido: 18/09/2022

Aceito: 03/04/2023

DOI: <https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi36.614>



---

## Palavras-chave:

Conventos franciscanos.  
Cairu.  
Paraguaçu.

## Keywords:

Franciscans convents.  
Cairu.  
Paraguaçu.

## Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a unidade estilística conferida, por Germain Bazin, na década de 1950, aos conventos franciscanos do Nordeste brasileiro, edificados durante o período colonial. Para isso, foram desenvolvidas a revisão bibliográfica e documental, e estudos de caso com a análise comparativa de dois desses conventos da Ordem em questão: Convento de Santo Antônio (ou de São Francisco) de Paraguaçu – no município de Cachoeira; e Convento de Santo Antônio – em Cairu, ambos no estado da Bahia. Suas fachadas refletem semelhanças, e seus frontispícios remetem a um traçado de igual composição arquitetônica, embora possuam plantas distintas. Inúmeros e renomados estudiosos escreveram sobre esses conventos, mas a lacuna documental não auxiliou na identificação dos autores de seus projetos, e as datas de suas origens não são claras na bibliografia encontrada. Teorias foram lançadas sobre as construções dos conventos franciscanos, porém sem comprovação. Dessa forma, não foi possível determinar o “parentesco” entre as edificações estudadas, contudo, visivelmente observável. Assim, as conclusões dificilmente poderão ser finalizadas, mas os questionamentos deixam caminhos abertos para novas pesquisas.

## Abstract

This paper it aims to discuss the stylistic unit conferred, by Germain Bazin, in 1950 decade, to the franciscan convents in the northeastern Brasil, built during colonial period. For that, they were developed the bibliographic and documentary review, and studies about the case with the comparative analysis of two these convents in matter: Santo Antônio (or São Francisco) from Paraguaçu in the municipality of Cachoeira; and Santo Antônio Convent in Cairu, both in the state of Bahia. Their facades reflect similarities and their frontspices refer to a layout of the same architectural composition, although they have diferente plants. In addition numerous and renowned scholars wrote about those convents, but the documental gap did not help in identifying the authors of their projects, and the dates of their origins are unclear in the bibliography found. Theories have been launched about the construction of the franciscan convent, but without proof. So, it was not possible to determine the relationship between the studied buildings however visibly observable. So, the conclusions can hardly be finalized, but the questions leave open ways for new researchs.

## Introdução

Os conventos franciscanos brasileiros, sejam por sua imponência e beleza ou por seu histórico e importância, convidam pessoas a visitá-los. Conhecendo-os, chama atenção a semelhança entre dois deles, localizados no Nordeste brasileiro: o Convento de Santo Antônio (ou São Francisco) de Paraguaçu – em Cachoeira; e o Convento de Santo Antônio – em Cairu; ambos na Bahia.

Este artigo corresponde a uma reflexão a partir dos resultados da pesquisa de doutorado de um de seus autores, e baseou-se na observação dos “traços físicos” destes exemplares,

Não foi à toa que o historiador francês Germain Bazin, na década de 1950, quando visitou os conventos da Ordem, encontrou similaridades, principalmente entre as edificações nordestinas, fato que os fez denominar esta arquitetura de “Escola Franciscana do Nordeste”. Contudo, ao designá-los como pertencentes a essa categoria, Bazin deixou de fora os conventos do Sudeste brasileiro, detentores também das características consideradas por ele na defesa de agrupar os irmãos nordestinos na Escola citada, que sob o ponto de vista dos autores deste artigo é um termo inadequado.

Para este trabalho, não foi levado em conta seu programa construtivo, seu genótipo, enfim. Importou o fenótipo, especificamente das fachadas das igrejas dos frades dos conventos em estudo. Observando os frontispícios dos dois cenóbios mencionados, edificados no período colonial, por suas feições, pode-se pensar em uma mesma linhagem, embora com plantas diferentes.

Apesar de existirem na literatura, controvérsias em relação às datas de seus “nascimentos” é possível imaginar a presença de genes comuns em seu DNA. Dessa forma, partindo do histórico de cada um desses conventos, e das colocações de autores consagrados, foi possível estabelecer uma relação de “parentesco”, mesmo que não tenha sido comprovada a autoria de seus projetos.

As observações em relação aos termos direita e esquerda, usadas para descrever os conventos, foram feitas tomando-se como referencial um observador em seus adros, com olhos voltados para a edificação, com a finalidade de não haver dúvidas quanto aos termos religiosos evangelho e epístola, muito citados e passíveis de erros.

## Convento de Santo Antônio ou São Francisco do Paraguaçu – Cachoeira (BA)

A fundação deste convento não fugiu à regra. Foi solicitada pelos moradores e sua aceitação deu-se em 24 de fevereiro de 1649. À borda do Lagomar do Iguape, foram construídos um pequeno recolhimento e uma capela em 1653.

Em 4 de fevereiro de 1658 foi lançada a pedra fundamental da igreja, corredores e dormitórios do convento. Para a elaboração da planta desta edificação foi designado Frei Daniel de São Francisco, porém desconhece-se quando as obras terminaram e quando os religiosos passaram a habitar a casa religiosa (AZEVEDO, 2012).

A igreja, constituída de nave única, foi consagrada em 1660, conforme a data existente em sua portada. O ano de 1686, inscrito em sua portaria, parece estar relacionado ao final de sua construção (JABOATÃO, 1861). O Convento exerceu a função de noviciado a partir de abril de 1654 até 1824 (BAZIN, 1983).

O edifício, de dois pavimentos e um subsolo, possui embasamento e cunhais em cantaria (AZEVEDO, 1982). Sua fachada é modulada por pilastras e cornijas, e a igreja evidencia um frontispício escalonado, sobreposto à galilé com cinco arcos, diferente da maioria das construções franciscanas, nas quais estão presentes três arcadas. No segundo pavimento veem-se três janelas correspondendo ao coro e, no terceiro, um nicho com imagem. Arremates com volutas fazem a concordância entre os pisos participando da decoração (IPHAN, 1989) (Figuras 1 a 3).



**Figura 1.** Convento de Paraguaçu, mostrando a fachada principal, frontão com curvas e contracurvas, nicho com imagem, pináculos, torre única e recuada à esquerda, galilé com cinco arcos, bloco conventual à esquerda, adro e cruzeiro. **Fonte:** IPHAN/RJ. Série inventário, Cachoeira, BA. Cx 19, Pt 02, E 08. Foto: E. C. Falcão, década de 1940.

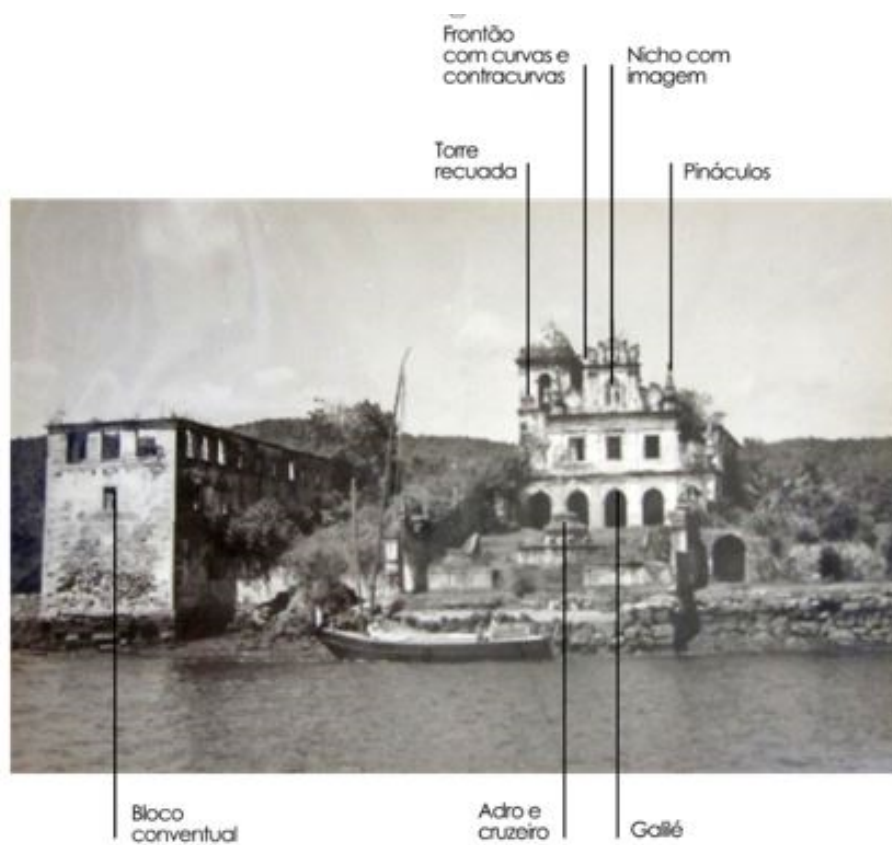


Figura 2. Fachada principal, s/d. Fonte: <https://sanctuararia.art/2016/02/17/igreja-e-ruinas-do-convento-de-santo-antonio-do-paraguacu-cachoeira-bahia/>

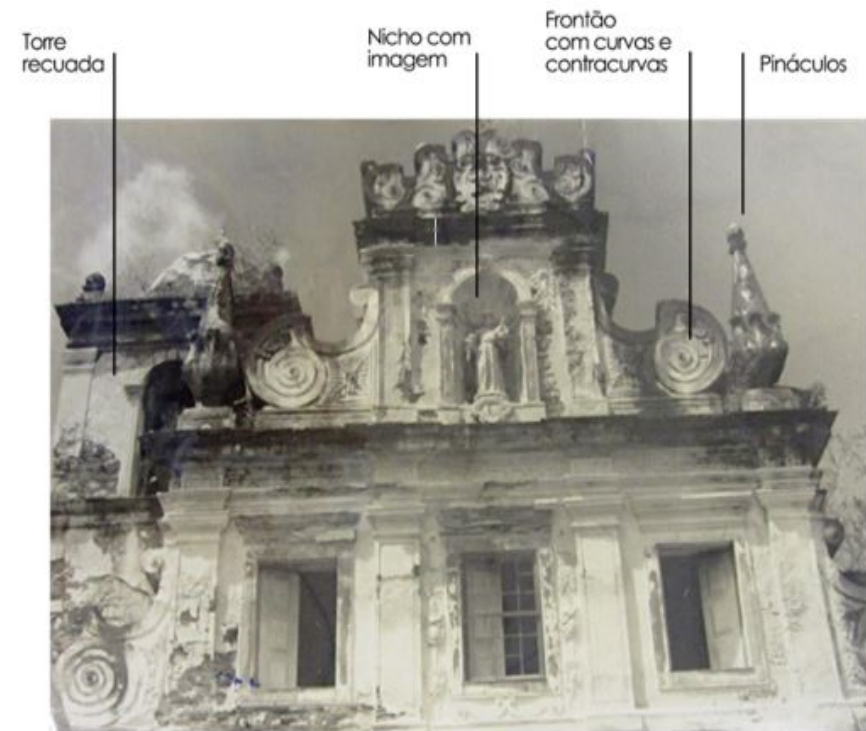
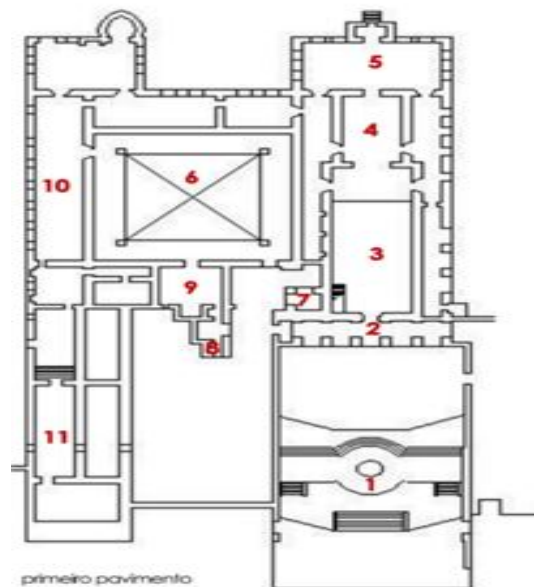


Figura 3. Detalhe do frontispício e torre. Fonte: IPHAN/RJ, Série Inventário, Cachoeira (BA), Cx. 19, Pt 02, E 09. Foto: Erich Hess, década de 1940.

O convento, com claustro quadrangular, se localizava ao lado esquerdo da igreja, havendo comunicação entre ambos. A galeria do claustro era composta por arcadas encimadas por outra mais alta, que sustentava o telhado. Ao seu redor, localizavam-se a sala do capítulo, refeitório e portaria com capela (IPHAN, 1989). A torre recuada, estava à esquerda da igreja e terminava em uma cúpula oitavada (TELLES, 1975).

O interior da igreja possuía barras de azulejos de meados do século XVIII, assim como a sacristia transversal. Não havia Ordem Terceira. Antecedia a igreja um cais, um adro murado com volutas e escadarias com patamares. Em um desses patamares estava o cruzeiro original e seu pedestal. De acordo com Paulo Ormindo de Azevedo há no convento influência de elementos indianos (AZEVEDO, 2012).

Em 1866 o convento abandonado foi doado à Arquidiocese de Salvador e, mais tarde, vendido. Foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN em 1941. Na década de 1950, o IPHAN reparou o telhado, algumas paredes e a torre, cuja estrutura estava comprometida. Vistorias, intervenções e documentos textuais foram encontrados nos arquivos do IPHAN/BA referentes às obras das décadas subsequentes. A partir de 1987, decidiu-se abrigar no convento atividades escolares e religiosas (IPHAN, 1989). Na década seguinte, foi feita a recuperação de dois muros em frente à igreja, das volutas e coruchéus; do madeiramento e restauro de imagens. As partes do convento encontram-se na planta a seguir (Figura 4).



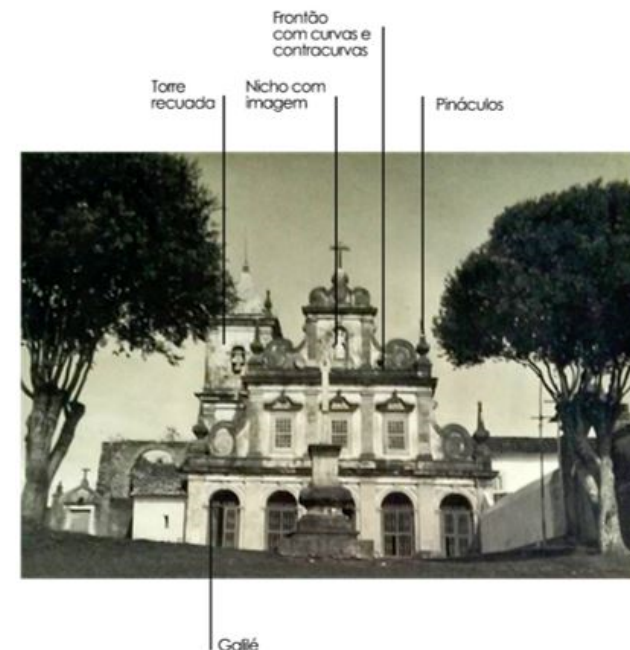
**Figura 4.** Planta baixa do primeiro pavimento. Convento de Santo Antônio ou São Francisco do Paraguaçu – Paraguaçu, BA. **Fonte:** IPHAN/RJ, mapoteca. Digitalizado por Ana Guzzo.

- |                           |                      |
|---------------------------|----------------------|
| 1 – Adro e cruzeiro       | 7 – Torre recuada    |
| 2 – Galilé com 5 arcos    | 8 – Portaria         |
| 3 – Nave única            | 9 – Sala do Capítulo |
| 4 – Capela-mor            | 10 – Refeitório      |
| 5 – Sacristia             | 11 – Ala conventual  |
| 6 – Claustro quadrangular |                      |

### Convento de Santo Antônio – Cairu (BA)

Em janeiro de 1650, foi aceito o pedido dos moradores para a edificação de um convento na Vila de Cairu e, após a doação de terras para esta finalidade, em 1654, foi lançada a sua pedra fundamental. Sua igreja é da mesma época, mas não se sabe a data exata do seu início ou do seu término (AZEVEDO, 1988). No entanto, foi encontrada na literatura, uma menção à conclusão do claustro em 1654 (ARGOLO, 2010), coincidente com a data do lançamento da pedra fundamental do convento, fato que seria, na prática, impossível.

O convento possui dois pisos, precedido por uma praça triangular, e disposto em torno de um claustro; presença de um mirante. Em sua fachada há um cruzeiro confeccionado em pedra. Do lado esquerdo da igreja ficavam as ruínas da capela-mor da Ordem Terceira, que nunca foram concluídas (SOUZA, 1983) (Figura 5). De 1661/1750, as inscrições nas portadas são referentes à conclusão de: 1661 – Sacristia; 1739 – portaria; 1742 – decoração da igreja; 1750 – porta lateral do nártex.



**Figura 5.** Convento de Cairu, com a fachada principal, frontispício com frontão com curvas e contracurvas, pináculos, nicho com imagem, galilé com 5 arcos, torre recuada à esquerda, bloco conventual à direita. Espaço da Ordem Terceira à esquerda. **Fonte:** IPHAN, 7ª SR – Salvador, Série Igrejas e Conventos. Cairu. Cx 11.2 Edgard Antunes, década 1940/1950.



A igreja possui frontispício resultante da superposição de três pavimentos de larguras decrescentes, onde o inferior abriga cinco arcadas separadas por pilastras toscanas. Os cinco arcos que formam a galilé são fechados por grades de madeira, com balaústres torneados. A entrada do convento se dá através do último arco à direita, penetrando-se na galilé, onde existem duas capelinhas (ARGOLO, 2010).

Outras pilastras dividem o pavimento intermediário em três partes, no centro das quais há janelas de vergas retas envidraçadas com frontões curvilíneos, volutas e pináculos. Na parte central do terceiro pavimento encontra-se um nicho ladeado por pilastras, que contém uma imagem de Santo Antônio. Volutas e pináculos completam a decoração (SANTOS SIMÕES, 1965). Seu interior é composto de nave única e corredores laterais. Nas paredes laterais há painéis de azulejos feitos com peças provenientes de outros painéis, na tentativa de completar a barra de azulejos originais.

A torre única fica localizada à esquerda da igreja, recuada, com campanário piramidal, com pináculos, e recoberta por azulejos do século XVII. Há uma mistura de padrões, o que leva a pensar que aí foram também colocados restos de azulejos de outras partes do convento.

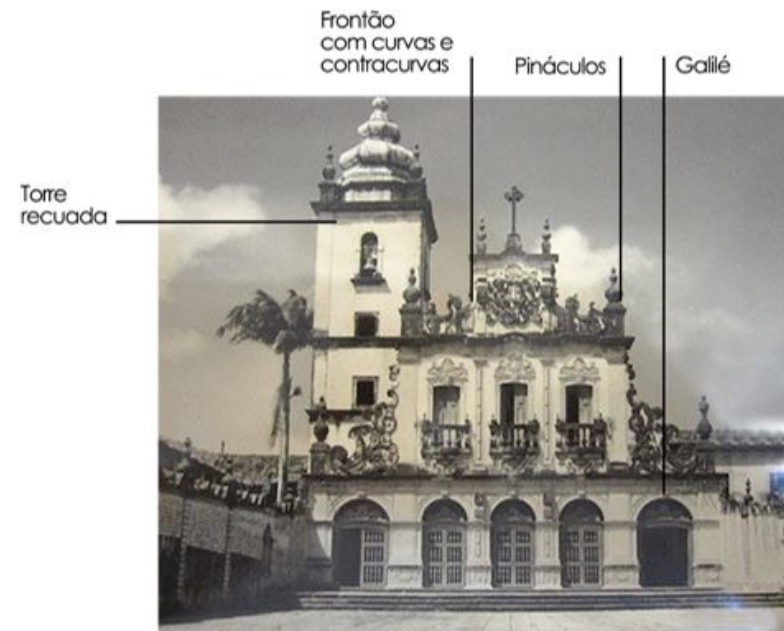
O convento foi destruído pelos índios em 1669 e incendiado parcialmente. Não se sabe, com certeza, se a igreja foi poupada. A sacristia transversal e a sala que se sobrepõe a ela fizeram-se a partir de 1750, situando-se atrás da capela-mor (SOUZA, 1983).

A capela lateral da Ordem Terceira e o seu consistório foram parcialmente construídos durante a primeira metade do século XVIII. Jaboatão relata que a Ordem existia desde 1703. Esta capela (em ruínas) era à esquerda da igreja e paralela a esta, com pequeno recuo. Recentemente esta capela foi contemplada pelo projeto de restauro patrocinado pela Petrobrás, a cargo da empresa Patrimoni (ARGOLO, 2010).

O claustro possui arcadas que se apoiam em pilastras quadradas, e a arquitrave de madeira do andar superior é sustentada por pilares toscanos. Suas paredes são decoradas com painéis de azulejos, semelhantes aos da nave da igreja. No claustro, localiza-se a sala do capítulo com decoração setecentista e forro com pinturas da primeira metade do século XVIII. Três janelas iluminam a sala e suas paredes são revestidas de azulejos. No livro de Argolo sobre o Convento de Cairu é citado Francisco Pinheiro como autor do projeto deste convento (ARGOLO, 2010).

De acordo com Alberto Sousa, sua frontaria foi a primeira construída no Brasil que se afiliava ao barroco, surgindo antes mesmo que uma fachada barroca

aparecesse em Portugal. No entanto, não é citada a data de sua construção. Para o autor foi uma criação original em que se misturaram traços da renascença italiana, do maneirismo alemão e do classicismo seiscentista lusitano, sendo no Brasil colonial, a fachada mais imitada. É referida como modelo a partir do qual foi traçada a fachada da igreja franciscana da Paraíba (SOUZA, 2004), cuja data de construção de seu frontispício também não é mencionada (Figura 6). O autor poderia estar se referindo à sua reconstrução, que também não foi confirmada, embora os conventos nordestinos tenham passado por reformas após a ocupação holandesa, que destruiu muitos deles. No entanto, aqui também há uma contradição em relação ao claustro, já que aparece mencionada a data de sua construção como sendo equivalente ao período de 1720/1730 e que sua torre recuada é de 1783 (SOUZA, 2004). Mais uma vez fica a dúvida se o autor não estaria se referindo à reconstrução do convento. Entretanto, observando a fachada do convento de João Pessoa, constata-se não haver semelhanças tão marcantes como nos conventos citados, da Bahia.



**Figura 6.** Convento da Paraíba, com fachada principal, frontão com curvas, contracurvas, pináculos, galilé com cinco arcos, torre recuada, visto de seu adro. **Fonte:** IPHAN/Recife – 1º, Classe 33.01 (1), 1960.

Sousa ainda relata que, sua fachada foi seguida por três outras dela derivadas (as das igrejas franciscanas de Paraguaçu, Igarassu e do Recife), que formaram, com ela, o primeiro capítulo do barroco no Brasil. Ressalta-se que não foram encontradas na pesquisa, reformas significativas na igreja de Paraguaçu, como por exemplo, aquelas ocorridas após as invasões holandesas. Isso pode indicar que sua configuração continuaria próxima à original (grifo nosso).

Já a fachada do convento de Igarassu sofreu nova elevação por volta de 1753 e recebeu decoração em seu frontão cerca de 1786. Quanto à igreja de Recife, não foi evidenciada a data de edificação e decoração do seu frontispício, mas sabe-se que fez parte das campanhas de obras ocorridas após a expulsão dos invasores holandeses.

Para Alberto de Sousa a fachada do convento de Cairu seria a "matriz" para esses outros conventos (Figuras 7 e 8).

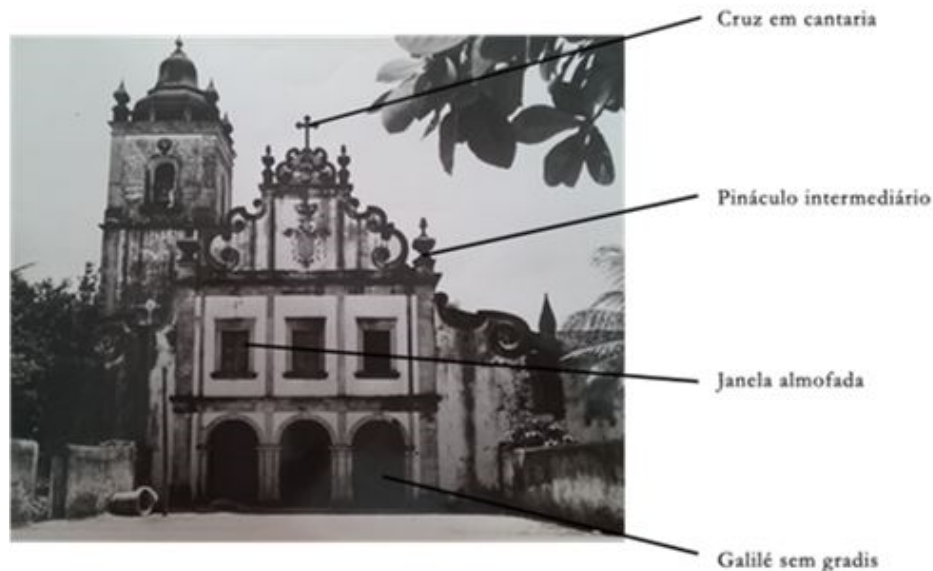


Figura 7. Fachada do Convento de Igarassu. 1969. Fonte: IPHAN/RJ, Série Inventário; Cx 310; Pt 1215. Foto: 71619.

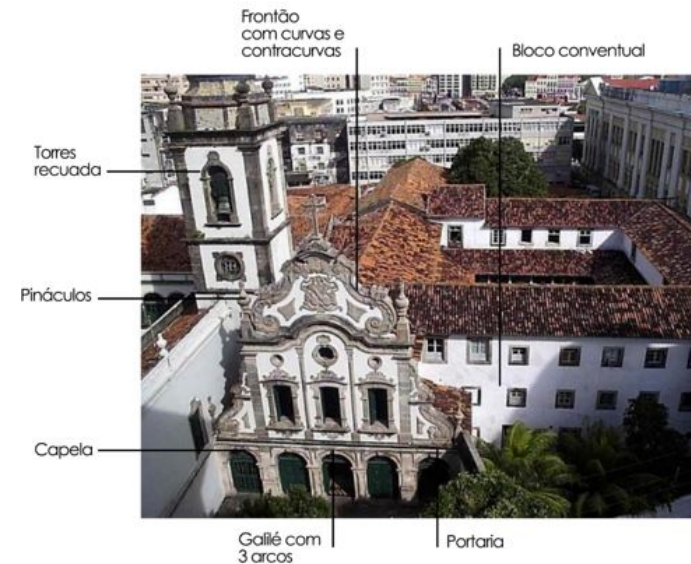


Figura 8. Fachada do Convento de Recife. Fonte: <http://www.aequidioceseolindarecife.org/2017/06/santo-antonio-e-homenageado-na-arquidiocese/>

Sousa (2004) ainda acrescenta que as igrejas de Igarassu e Recife seguiram o modelo de Cairu, talvez por influência direta de Frei Daniel de São Francisco, que fez o traçado do convento. Vale lembrar que Argolo (2010) anteriormente mencionou Francisco Pinheiro como executor do projeto. Portanto, informações contraditórias.

Segundo seus argumentos, Sousa (2004) complementa que Frei Daniel nasceu em Portugal, provavelmente entre 1600 e 1610, e veio para o Brasil morando em Olinda - Pernambuco, e em Salvador - Bahia. Nos anos 1650 projetou a igreja de Cairu, fazendo depois o traçado da igreja de Paraguaçu, com frontispício semelhante (SOUSA, 2004). Porém, na historiografia, encontram-se as seguintes datas relacionadas às fundações dos conventos de Cairu – 1650; de Paraguaçu – 1649. Eles poderiam ter sido fundados nesses anos, mas construídos em datas diferentes. Há ainda o relato de que Frei Daniel fez o traçado do frontispício de Cairu, e repetiu a fórmula no convento de Paraguaçu, em 1658. De acordo com Bazin (1983) a data do frontispício de Cairu é anterior a 1686, data inscrita no frontispício de Santo Antônio do Paraguaçu (SANTOS SIMÕES, 1965).

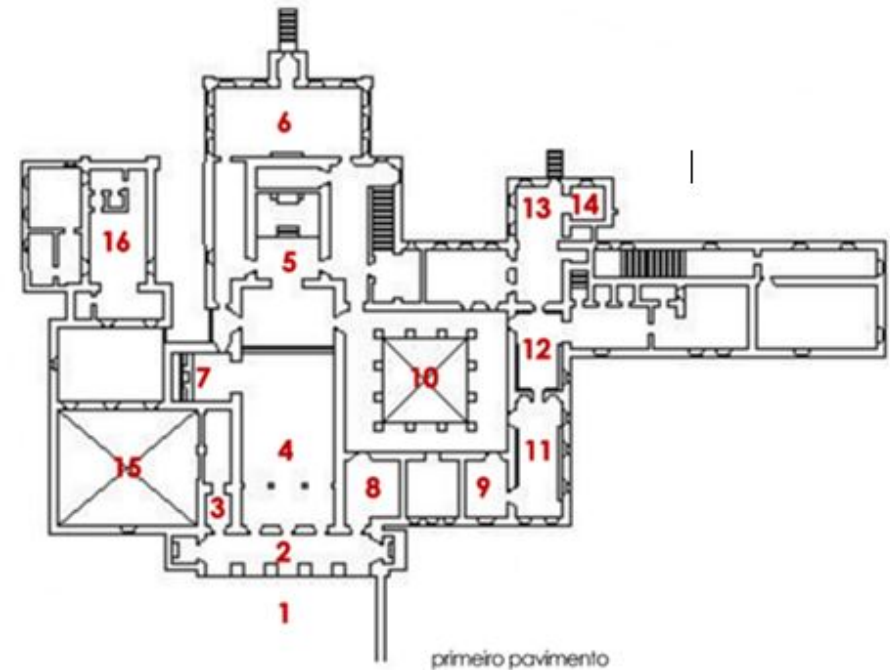
Sousa (2004) não faz referência quanto à data (reconstrução?) da "nova igreja". Também já foi comentado que as obras dos complexos conventuais eram finalizadas pelos frontispícios das igrejas, e não se sabe em que época o convento de Cairu foi finalizado. Ao mesmo tempo, o autor menciona que a pedra fundamental de Cairu foi lançada em 1654 e cita que a igreja de Paraguaçu foi iniciada em 1658. As datas geram dúvidas, mas não invalidam as semelhanças dessas igrejas conventuais.

Percebe-se que muitos autores citam a data da fundação de um determinado convento, a partir da criação do mesmo, como recolhimento (casa provisória). Outros, mencionam o surgimento do convento com a colocação da pedra fundamental. Ainda há aqueles que consideram a fundação de uma casa religiosa a partir da solicitação ou da doação das terras para tal fim. O que foi levado em conta, em termos de datas, por esses autores não foi explicado. Esses trabalhos não falam em reconstrução dos conventos ou em épocas relativas ao término desses frontispícios. Há uma lacuna a ser preenchida por parte dos estudiosos do assunto, e embora Bazin faça menção à reconstrução de vários conventos, dentre eles, três citados neste artigo, não há a mesma observação em relação aos conventos de Paraguaçu e Cairu. Seriam estas reconstruções as dos Conventos de Igarassu, em 1662; de João Pessoa, em 1654; e de Recife, em 1654.

Como quase todos os conventos franciscanos do Nordeste, o de Cairu foi abandonado em 1894 e reocupado em 1907, quando se fizeram obras de conservação.

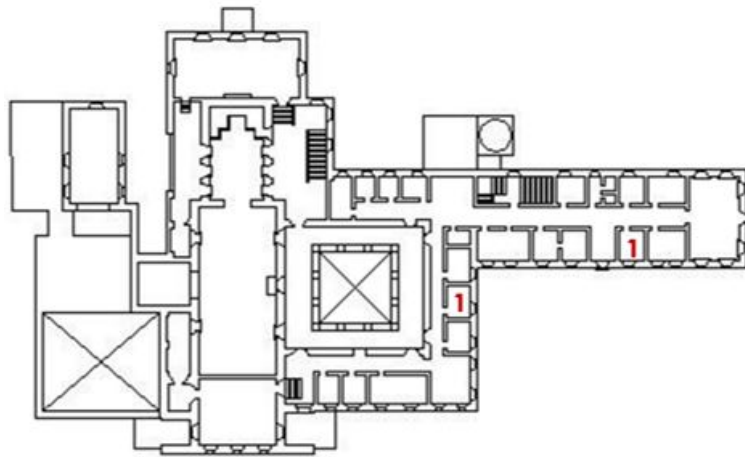
Os conventos de Cairu e de Paraguaçu foram tombados pelo IPHAN, em 1941, passando a receber, por parte do referido órgão, intervenções que os mantiveram em pé.

A planta do convento ajuda a visualização das partes descritas no histórico (Figuras 9 e 10).



- |                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| 1 – Adro e cruzeiro                  | 9 – Sala do Capítulo  |
| 2 – Galilé com 5 arcos               | 10 – Claustro quadrangular                                  |
| 3 – Torre única com recuo            | 11 – Refeitórios  |
| 4 – Nave único                       | 12 – De profundis   |
| 5 – Capela-mor                       | 13 – Cozinha  |
| 6 – Sacristia                        | 14 – Chaminé  |
| 7 – Capela de Santa Rosa de Vitérbio | 15 – Pátio da Ordem Terceira                                |
| 8 – Portaria                         | 16 – Capela da Ordem Terceira, paralela à igreja conventual |

Figura 9. Planta baixa do primeiro pavimento. Convento de Santo Antônio – Cairu, BA.  
Fonte: IPHAN/RJ, mapoteca. Digitalizado por Ana Guzzo.



segundo pavimento

1 – Celas

**Figura 10.** Planta baixa do segundo pavimento. Convento de Santo Antônio – Cairu, BA.  
**Fonte:** IPHAN/RJ, mapoteca. Digitalizado por Ana Guzzo.

Em síntese, as histórias da fundação/solicitação dos conventos em estudo, seus desenvolvimentos e as suas semelhanças serão, a partir de agora, apresentadas nos quadros a seguir (Figuras 11 a 18).

Conventos	Data de Solicitação	Desenvolvimento	Data de Tombamento
S <sup>to</sup> Antônio-Paraguaçu-BA	1649	1653-recolhimento e capela 1658-pedra fundamental 1660-conclusão da igreja 1686-ano inscrito na portaria. Conclusão?	21/03/1941 tombado como ruínas
S <sup>to</sup> Antônio Cairu-BA	1650	1654-pedra fundamental e conclusão do claustro (?) 1686-frontispício mencionado como anterior ao de Paraguaçu 1661-sacristia 1669-incêndio 1739-portaria 1742-decoração da igreja 1750-porta lateral do nártex	17/10/1941 conservado

**Figura 11.** Datas importantes relativas aos Conventos de Paraguaçu e Cairu. **Fonte:** Elaboração própria.



PERPENDICULARIDADE DA ORDEM TECEIRA			
	Perpendicular	Paralela	Sem Ordem Terceira
Paraguaçu			X
Cairu		X	já foi perpendicular

Figura 12. A perpendicularidade das Igrejas da Ordem Terceira no Nordeste. Fonte: Elaboração própria.

FRONTISPÍCIO/ FRONTÃO		
	Sem Volutas	Com Volutas
Paraguaçu		X
Cairu		X

Figura 13. O frontispício/ frontão das Igrejas da Ordem Primeira no Nordeste. Fonte: Elaboração própria.

PÓRTICO/GALILÉ			
	Três Arcos	Cinco Arcos	Sem Galilé
Paraguaçu		X	
Cairu		X	

Figura 14. O pórtico/gallilé das Igrejas da Ordem Primeira no Nordeste. Fonte: Elaboração própria.

CLAUSTRO				
	Único	Quadrangular	À dir. da Igreja	À esq. da Igreja
Paraguaçu	X	X		X
Cairu	X	X	X	

Figura 15. O claustro dos conventos do Nordeste. Fonte: Elaboração própria.

ADRO
Ambos possuem adro com cruzeiro.

Figura 16. O adro com cruzeiro nos conventos do Nordeste. Fonte: Elaboração própria.

NAVE
Ambos possuem nave única.

Figura 17. A nave única da igreja conventual dos conventos do Nordeste. Fonte: Elaboração própria.

TORRE			
	Única	C/Recuo	À esq. da igreja
Paraguaçu	X	X	X
Cairu	X	X	X

Figura 18. A torre dos conventos do Nordeste. Fonte: Elaboração própria.

Com as observações assinaladas nos quadros 2 a 8 é possível verificar que as diferenças projetuais entre os dois conventos são pontuais, assinalando-se a posição de seus claustros e a inexistência da Ordem Terceira no convento de Paraguaçu.

### O que pensam alguns autores

Em relação aos autores que escreveram sobre a arquitetura franciscana brasileira seguem algumas questões e hipóteses.

Maria Berthilde Moura Filha, doutora, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba (1986), menciona na introdução de um de seus trabalhos, intitulado “Registros dos franciscanos em Pernambuco e Paraíba: arquitetura e identidade”, a referência obrigatória a Bazin.

A autora afirma que Bazin deu ênfase a uma escola de construtores, associando esta produção à atividade de artistas que trabalharam na edificação dos conventos franciscanos. A semelhança entre estas casas e a ação de construtores já havia sido notada no século XVIII, por Frei Jaboatão (1861), cronista da Ordem. Jaboatão argumentou que algumas igrejas e conventos possuíam semelhanças, pelo fato de um mesmo mestre pedreiro as ter traçado. Esta ideia foi retomada por Bazin com a hipótese da existência de “oficinas ambulantes”, de artífices que aplicaram em vários conventos, elementos arquitetônicos que lhes conferiam unidade. Contudo, para essa linha de investigação, falta documentação (grifo nosso).

Apesar de haver algum conhecimento sobre a cronologia da fundação dos conventos, não há um acompanhamento sobre as suas construções, por falta de documentos e em função da interrupção de obras por época da invasão holandesa no Nordeste, no século XVII. Assim, procurou-se entender estas edificações a partir da expulsão dos holandeses, quando ocorre o processo de reconstrução das vilas, cidades e casas conventuais. O efeito arquitetônico se concentrava nas fachadas das igrejas, com galilé e uma única torre recuada em relação ao alinhamento do frontispício, tal qual nos Conventos de Paraguaçu, Cairu e de outros da região Nordeste.

Ainda de acordo com a autora, Bazin classificou as fachadas em dois tipos. O primeiro tipo representado no frontispício do Convento de Ipojuca (PE): pórtico com três arcadas, encimadas por três janelas e com coroamento em frontão triangular (clássico), designado como o “tipo pernambucano”, derivando dele as igrejas de Olinda, Penedo, Marechal Deodoro e São Cristóvão. É válido observar que Alberto de Sousa mencionou que esta igreja tomou como modelo a igreja de Cairu. O segundo tipo tem o seu protótipo no convento de Cairu, com frontis-

pício de forma piramidal (barroco), com superposição de três pavimentos de larguras decrescentes, e pórtico de cinco arcadas. Volutas fazem a transição entre os níveis da fachada. Esta mesma composição é vista na igreja de Santo Antônio do Paraguaçu, caracterizando o denominado “tipo baiano”, confirmando a semelhança entre estes conventos.

Analisando a época de construção destas igrejas, Bazin (1983) fez a seguinte observação: Criados em regiões diferentes, esses dois tipos de frontispícios não estão, contudo, afastados cronologicamente. A pedra fundamental do convento de Ipojuca foi colocada em 6 de janeiro de 1608, ficando concluídas a igreja e duas alas do convento dois anos depois. Em 1654, teve início a sua reconstrução. Por sua vez, a igreja de Cairu teve sua pedra fundamental lançada em 1654, ano do início da reconstrução do convento de Ipojuca. A diferença entre estes dois tipos edificados pode ser justificada por se tratar, em Ipojuca, da reconstrução de um edifício pré-existente, enquanto que em Cairu erguia-se uma nova edificação. No entanto, o “tipo pernambucano” se repetiu em outras construções mais distantes e o “tipo baiano” vai se fazer presente nas igrejas mais próximas de Pernambuco. Portanto, tudo indica não haver uma coerência nesse tipo de análise.

Volta-se então à questão da influência na circulação dos homens que produziam essa arquitetura. As informações sobre as atividades do Frei Daniel de São Francisco sugerem que, segundo Jaboatão, este frade foi o autor do projeto da igreja de Santo Antônio do Paraguaçu, cuja concepção arquitetônica é quase idêntica à de Cairu (SOUSA, 2004). Além disso, no início da década seguinte, Frei Daniel de São Francisco transitava entre a Bahia e Pernambuco e as igrejas do Recife e da Paraíba estavam sendo reconstruídas. Dessa forma, ele poderia ter tido alguma participação na transferência do “tipo baiano” adotado nestas duas igrejas. Contudo, assim como ocorreu com Frei Daniel, não se sabe quantos e quais franciscanos trabalharam nessas duas regiões. Sem respostas para as questões colocadas, apenas resta afirmar ser viável o caminho indicado por Bazin, ao associar a unidade arquitetônica destes conjuntos à atividade de uma “escola de construtores” ligada a Ordem Franciscana (MOURA FILHA, 2008). Mas, são apenas hipóteses.

Já Cybele Vidal Neto Fernandes, doutora em História Social da Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / IFCS (2001), relata em seus escritos “Considerações sobre o espaço na arquitetura franciscana no Brasil”, de 2013, alguns nomes citados nos registros para os serviços de construção, reforma, decoração dos conventos franciscanos edificados no Brasil. Relacionam-se abaixo religiosos ou leigos, que constam nestes registros referentes a algumas igrejas dos conventos aqui estudados, no que tange à arquitetura:

Frei Francisco dos Santos: Convento da Paraíba, 1590; responsável pelas obras do Convento de Paraguaçu, Bahia, de 1649 a 1653.

Francisco Lima de Cerqueira: Riscou a igreja do Convento de Santo Antônio Cairu, por volta de 1654, e pouco depois riscou também a igreja do Convento de Paraguaçu (1658) em Cachoeira, Bahia, conservando os moldes da fachada de Cairu, já barroca.

Os trabalhos de Frei Francisco dos Santos e de Francisco Lima de Cerqueira podem ter a interferência de Frei Daniel de São Francisco, citado anteriormente. Porém, a incerteza permanece. De concreto, tem-se a semelhança indiscutível entre o convento de Cairu e o de Paraguaçu.

Segundo Geraldo Gomes da Silva, doutor, graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco (1965), ao falar de Escola Franciscana do Nordeste, cita o convento de João Pessoa como sendo o provável modelo que serviu de referência para caracterizar a Escola Franciscana. Essa observação vai contra a de outros autores que apontam o convento de Cairu como protótipo na construção de vários conventos franciscanos do Nordeste (SILVA, 2002).

### Considerações Finais

Pesquisar a arquitetura conventual franciscana brasileira tornou-se um desafio em função das hipóteses frente à construção dessa obra; pela escassez de documentação; pela categoria de Escola criada por Bazin ao se referir aos conventos do Nordeste.

Ao estudar principalmente esses dois conventos, dos quais não se identificou o autor de seus projetos, surgiram determinadas questões que parecem justificar a inclusão de ambos, como possuidores de um grande grau de “parentesco”.

Do ponto de vista da preservação da ambiência urbana, ambos os conventos são referências históricas e lugares de prática sociocultural nos locais onde foram edificadas, mesmo que suas implantações sejam completamente diferentes: – Cairu, em situação elevada; Paraguaçu, à beira d’água.

No que diz respeito à arquitetura, os conventos estudados constituem um conjunto que apresenta soluções semelhantes na composição dos frontispícios, a partir da segunda metade do século XVII. Essa semelhança é marcada principalmente pelo pórtico com cinco arcadas voltadas para o adro (quando o comum, eram três), pelo frontão arrematado por volutas e contra-volutas, e sua torre recuada (em ambos os conventos, do lado esquerdo).

É sabido que as casas franciscanas foram construídas no Brasil sempre a partir de um pedido por parte da comunidade, fato que gera dúvidas quanto à data de sua construção, que também é diferente da data de sua fundação.

O fato de termos ainda esse tempo registrado em relação à colocação de sua pedra fundamental, pouca certeza nos fornece quanto à efetiva data de sua edificação. Também é preciso levar em conta o período das reconstruções dos conventos do Nordeste em função dos danos causados durante as invasões holandesas. Contudo, Germain Bazin, ao estudar o patrimônio conventual franciscano brasileiro, não menciona ter havido nenhum tipo de reconstrução nos conventos em questão, permanecendo, inclusive, até hoje, o convento de Paraguaçu em estado de ruínas. Sabe-se que, recentemente, o convento de Cairu passou por restaurações, mas não é esse o caso.

Ressalta-se que a escassez de documentação colabora com as incertezas existentes em nossa historiografia, e a falta de esclarecimento frente ao que corresponde realmente à data de “nascimento” de cada convento, coaduna com tantas dúvidas. Ainda assim, tantos pontos em comuns entre esses conventos permitem a aceitação da hipótese defendida por Bazin em relação à “escola de construtores” e “oficinas ambulantes” de artífices que aplicaram em vários conventos, elementos arquitetônicos, conferindo-lhes uma unidade.

Vale lembrar que Frei Jaboatão (1861) percebeu que algumas igrejas e conventos possuíam características físicas iguais, e este historiador franciscano levantou a questão de que, talvez, um mesmo mestre pedreiro poderia ter elaborado seus traçados, ideia retomada por Bazin, citada acima.

Existe ainda, a contradição sobre os estudos de Sousa (2004) que aponta Frei Daniel tendo projetado a igreja de Cairu, fazendo depois o traçado da igreja de Paraguaçu, com frontispício bem parecido. Volta-se então à questão da influência no circuito dos homens que elaboraram essa arquitetura sem grandes esclarecimentos, uma vez que não foram encontradas evidências do “parentesco” arquitetônico entre esses conventos, visivelmente observável.

Contudo, independente dessas dúvidas, difíceis de serem resolvidas, os questionamentos levantados neste trabalho deixam margem para abrir caminhos a novas e necessárias pesquisas.

### Referências

ARGOLO, José Dirson. **O convento franciscano de Cairu**. Restauração de elementos artísticos. Monumenta/IPHAN, 2010.

AZEVEDO, Paulo Ormino de; AZEVEDO, E. B. de. **Inventário de proteção do acervo cultural**. Bahia, v. 2, Recôncavo, I parte, 1982.

AZEVEDO, Paulo Ormino de. **Inventário de proteção do acervo cultural**. Bahia, v. 5, Litoral sul, 1988.

\_\_\_\_\_. **Ruínas do Convento e Igreja de Santo António (Paraguaçu), Cachoeira e São Félix, Bahia, Brasil, Arquitetura religiosa**; Fundação Calouste Gulbekian. HPIP Patrimônio de Influência Portuguesa, 2012. Disponível em: <<http://www.hpip.org/def/pt/Homepagr/Obra?a=967>>. Acesso em: 17/10/17.

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Tradução de Glória Lúcia Nunes. Rio de Janeiro: Record, 1983, 2v.

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. Considerações sobre o espaço na obra franciscana no Brasil. **Os franciscanos no mundo português III: o legado franciscano**. Porto: CEPESE, p.281-307, 2013.

GUZZO, Ana Maria Moraes. **Arquitetura franciscana no Brasil: uma revisão historiográfica a partir de Germain Bazin**. 2020. 360f. Tese (Doutorado em Ciências da Arquitetura) – PROARQ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. Novo orbe seráfico brasílico ou Crônica dos frades menores da Província do Brasil. Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, Lisboa, 1861, 4v.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Entrevista ao arquiteto do SPHAN/Pró-Memória Francisco de Assis Santana. *Jornal Tribuna da Bahia*, 15 out. 1989. Recuperado do Arquivo do IPHAN/BA (Série Inventário: Convento de Paraguaçu).

MOURA FILHA, Maria Berthilde. Registros dos franciscanos em Pernambuco e Paraíba: arquitetura e identidade. In: **Os Franciscanos no Mundo Português**, V. I, II e III. Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS SIMÕES, João Miguel dos. **Azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1965.

SILVA, Geraldo Gomes da. Linguagem Clássica. In: **MONTEZUMA**, Roberto (org). *Arquitetura Brasil 500 anos – uma invenção recíproca*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

SOUSA, Alberto José de. Igreja Franciscana de Cairu: a invenção do barroco brasileiro. In: VI COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, **Anais**. vol.1. Rio de Janeiro, CBHA/PUC – rio/UERJ/UFRJ, 2004.

SOUZA, Alcídio Maфра de. **Guia dos bens tombados – Bahia**. Rio de Janeiro: Expressão Cultura, 1983.

TELLES, Augusto Carlos da Silva. **Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil**. FENAME – Fundação Nacional de Material Escolar, 1975.